

À escuta do mundo som e sentido na co-existência

Paola Ghetti é doutoranda em Teoria e História Literária pela UNICAMP
E-mail: paolasangesghetti@gmail.com

À l'écoute (2002), livro cuja primeira parte foi recentemente traduzida para o português numa publicação da revista *Outras travessias* (2013), pertence à fase mais recente da obra de Jean-Luc Nancy. Não raro a fase tem sido marcada tanto por uma escrita sensorial quanto se dedicado a pensar as especificidades dos compartilhamentos que regram os regimes de sentido. Como característico das inclinações de sua geração, considerando autores como Jacques Derrida, Maurice Blanchot e Philippe Lacoue-Labarthe, Nancy imprime no texto, na expressão de pensamento, marcas de tom e estilo. No caso de *À l'écoute*, as marcas são impressas na medida em que a escrita se deixa afetar e modalizar de acordo com aquilo que lhe convoca - a escuta enquanto lugar da iminência e da possibilidade de sentido (que reúne ambos registros, sensível e inteligível). O rumor constitutivo da voz, o barulho implicado no som, a música como ritmo (mais do que somente articulação entre notas) são alguns exemplos daquilo que não se apresenta com obviedade, mas faz parte da complexidade da experiência de sentido ligada à escuta.

Na primeira página, Nancy apresenta a questão a partir da qual versará a sequência inicial do livro, ou seja, da ambiguidade que se coloca entre os verbos escutar (*écouter*) e ouvir (*entente*). Se o primeiro designa um gesto que estaria do lado do sentido e do sentido como abertura e possibilidade, o segundo se remeteria à verdade, ao entendimento e ao acabamento. A contraposição é clara: aquele que escuta deixa ressoar as possibilidades dos sentidos imbricados no som; aquele que ouve compreende previamente o som em determinado contexto, codificando o que já sabia antes e afastando a forma e o modo de emissão daquilo que se ouve. A filosofia é compreendida a partir desta última, quando Nancy se pergunta se ela não estaria sobrepondo à escuta algo que seria da ordem do ouvir. Ou ainda, se o filósofo não estaria neutralizando a “escuta” para poder assim filosofar.

As indagações, como destacado pelo próprio autor nas páginas seguintes, demonstram um comprometimento em pensar as relações que se estabelecem entre sentido (aquilo que se escuta) e verdade (aquilo que se ouve), problematizando seus contornos através de paralelismos tais como as relações entre o visível e o sonoro ou entre o sonoro e o inteligível. O livro então parte de uma reflexão sobre as teorias do som, focalizando aquilo que do sentido está nele imbricado, para prosseguir numa investigação sobre a existência e o espaçamento característico de uma relação paradoxal com as diversas comunidades de sentido.

Creio que a reflexão de Nancy poderia ser estendida ao contexto da obra, que há décadas se dedica a pensar a questão do sentido e seus regimes de compartilhamento enquanto disposições criadoras e organizadoras de mundos. Como exposto nos livros em que o autor desenvolve seu pensamento mais acentuadamente político, como *La communauté desouvrée*, *La communauté affrontée* e *Être singulier pluriel*, infelizmente ainda não traduzidos para o português, o ser encontra-se na partilha e como partilha, sendo ao mesmo tempo constituído e separado por ela. Assim, aquilo que hoje se designa como espaço comum da existência não pode mais ser determinado por um sentido único ou totalizante - a existência passa a ser compreendida como co-existência.

Uma das particularidades do livro neste contexto de questões se coloca através do que Nancy entende por “ressonância fundamental” ou por “sujeito como caixa de ressonância”. As formulações evidenciam uma espacialidade complexa, trazendo a ideia de que o que quer que se considere “primeiro” ou “fundamental” será, desde sempre, atravessado por algo que lhe ultrapassa, tendo este processo lugar no próprio corpo, que se pensa e se pesa num mesmo movimento. Reunindo a noção de ressonância trazida por Nancy às contribuições sobre a comunidade e o ser que apenas existe na partilha, poderia se dizer que a escuta se daria de modo tão singular (sobretudo quando consideramos as ressonâncias possíveis no ouvido e nos corpos humanos e animais), que provocaria um movimento de retirada do mundo. Ao mesmo tempo, tantos são os modos de ressonância de um determinado som, que a escuta nunca será igual a si mesma. No entanto, o movimento desta separação constante constitui seu estar no mundo.

Então a ressonância, não podendo coincidir consigo mesma, é singular e plural ao mesmo tempo, sendo esta relação justamente o que caracterizaria o seu ser no mundo. No livro, o que desenha a partilha do ser é o modo como os ouvidos percebem e articulam o som, que nunca poderá ser o mesmo, sobretudo quando levadas em conta as infundáveis intervenções relativas tanto ao espaço geográfico de emissão do som, quanto a estrutura do ouvido junto aos fluxos e movimentos do próprio corpo.

Assim, como indica o fragmento no verso do livro, em lugar da intencionalidade do ato de escuta, que visaria um sentido final, ou ainda, em lugar das perguntas “o que é” ou “qual é” um corpo sonoro, no sentido de qual seria a sua verdade, o que estaria em jogo seriam as articulações feitas entre os sons sentidos e os diferentes timbres e ritmos que ressoariam em todos e em cada ouvido: “escute: é uma pele estendida sobre uma caixa-acústica, e algo lhe acerta ou belisca, te fazendo ressoar de acordo com seu timbre e a seu ritmo”. É clara a intenção de Nancy em mostrar que a escuta não é apenas sonora, ou não é sonora em si mesma, não podendo por isso se reduzir a uma finalidade, mas envolve tanto o corpo como instância sensível na ressonância (efeito sentido e provocado pelas batidas do coração, pelo fluxo da respiração, etc.) quanto as faculdades abstratas do sentido.

Se não há o sonoro *enquanto tal*, a escuta não poderia ser compreendida como um fenômeno ou manifestação, como explica Nancy refletindo sobre a questão da *presença* implicada na escuta. A música, ou mesmo o som de modo geral, requer um processo que envolve estar constantemente à beira do sentido e dos corpos, cujas presenças são muito mais *evocadas* do que *manifestadas*. Haveria muito mais o que dizer de uma pulsão ou impulsão em *chamar* do que em *nomear* alguma coisa. Nancy então reforça todo um léxico dos movimentos da respiração (sopro, exalação, expiração e inspiração), que liga o *chamado* ou a *evocação* à escuta, o que dá um novo relevo às relações entre corpo, som e sentido.

Outra formulação das mais interessantes e problematizantes do texto está no que Nancy chama de “sujeito como diapasão”, ou seja, sujeitos que existem à maneira de um diapasão, cada um afinado com uma nota diferente. Sendo o diapasão conhecido como um instrumento de afinação universal, Nancy de início instiga uma tensão entre o universal e o singular, ou ainda, retomando a contraposição inicial, entre *ouvir* (uma mesma afinação universal) e *escutar* (as múltiplas ressonâncias do sentido numa afinação singular). A contaminação sonora experimentada por um tal sujeito-diapasão apenas existe enquanto uma orquestração que não se compreende ou necessariamente se resolve, seja no sentido musical ou cognitivo, mas que na não resolução pode deixar ressoar possibilidades de sentido. O sujeito-diapasão, então,

seria o próprio movimento - implicado na respiração, no ritmo ou no timbre - a partir do qual o dentro e o fora passam a existir, assim como passam a existir o que se chama “sujeito” e “mundo”, num constante vir à presença.